

Quem recusa, acha que é um castigo

Mudar ou não para os lotes urbanizados de Samambaia é a grande questão que divide, há uma semana, as um mil 280 famílias da Vila Parafuso, antiga invasão da CEB. Argumentos não faltam ao grupo pró-mudança: a área onde estão construídos 729 barracos não dispõe de infra-estrutura e em alguns trechos ameaça a vida dos moradores, que ficam expostos aos fios emaranhados das ligações clandestinas de energia elétrica. O bloco da oposição, formado por evangélicos, contra-ataca lembrando que mais de quatro mil pessoas que trabalham no SIA ficarão desempregadas se forem transferidas para uma área distante.

Como quem prepara uma grande campanha, os dois grupos já saíram em campo para tentar conquistar os indecisos. O líder dos moradores favoráveis à remoção para Samambaia, Tarcísio Nogueira de Carvalho, deslançou na frente, promovendo uma manifestação na última quinta-feira, da qual resultou um abaixo-assinado com 400 nomes relacionados. Na retaguarda, o representante das três igrejas evangélicas de Vila Parafuso, Roberto da Cunha Souza, se limitou a contactar os moradores que rejeitam a transferência.

Na posição de mediadora do impasse, a presidenta da Associação dos Moradores, Antônia Selene de Lucena, vem tentando reunir os dois grupos para tirar uma defini-

ção de consenso — sem muito resultado até o momento. Embora se coloque como árbitro da disputa, Antônia Selene não esconde sua preferência pela mudança para os lotes urbanizados.

PRÊMIO E CASTIGO

Fixada há 25 anos numa área de aproximadamente dois mil metros quadrados, a Vila do Parafuso mantém a mesma precariedade de infra-estrutura dos primeiros tempos de invasão. Sem rede de água e esgoto, os moradores improvisam ligações clandestinas de energia elétrica e tubulações rudimentares de água, sugada das indústrias mais próximas. Com a coleta de lixo interrompida, a Vila foi invadida, há dois meses por uma peste de ratos, que está apavorando os moradores.

Para completar, não existe escola suficiente para atender a demanda de alunos da comunidade. Um dos maiores problemas é a falta de saneamento básico, que obriga os invasores a construir fossas nos quintais, sem nenhum acompanhamento técnico. "Nós moramos literalmente na fossa", ilustra Antônia Selene, que vê na remoção a grande oportunidade de a comunidade elevar seu padrão de vida.

Em Samambaia estão sendo oferecidos lotes com a instalação de água, energia elétrica e sistema de esgoto. A construção das casas fica por conta dos invasores. O aspecto

negativo explorado pelos partidários da não-remoção é a grande distância do Setor de Indústria, onde trabalha mais da metade da comunidade da Vila Parafuso. "São quase 30 quilômetros e não existe previsão de melhoria no sistema de transporte", alerta Roberto de Souza.

DECISÃO

Na busca de uma decisão negociada entre os dois blocos, a presidenta da Associação reuniu-se com os defensores das propostas e o secretário de Serviço Social, João Ribeiro, na quinta-feira. A mudança para Samambaia está prevista para 24 de março e até lá a associação espera ter solucionado o conflito entre os moradores. A próxima tentativa será feita numa nova reunião com os dois grupos. "Se ninguém entrar em acordo eu deixo tudo nas mãos do Governador", avisa Antônia Selene.

Os evangélicos, que somam cerca de 300 pessoas da comunidade, são contrários à remoção para Samambaia, mas não querem permanecer na Vila Parafuso. "Queremos mudar para um local mais próximo do nosso trabalho", resume Roberto Cunha. Tarcísio de Carvalho acredita que a maioria da comunidade deve decidir se quer ou não mudar para Samambaia. "Quem for derrotado deve respeitar a decisão da maioria. E assim que funciona a democracia", ensina